

Fidúcia em *Soundjata* ou *L'épopée mandingue*

Daniel Carmona Leite (USP)

A. J. Greimas e J. Courtés, em *Dicionário de Semiótica*, problematizam a questão da veridicção para a significação. Nesse sentido, destacamos a importância do estabelecimento de um "entendimento tácito", o contrato de veridicção entre os dois extremos da comunicação. Investigaremos em que medida isso pode se relacionar com o estabelecimento de uma manipulação enquanto ação de um Destinador sobre um Destinatário. O texto que servirá de base para as reflexões é *Soundjata ou L'épopée mandingue*, epopeia africana da Tradição Oral compilada nos anos 60.

danleite9@gmail.com

O contrato de veridicção figurativa em *O Arquivo*

Renata Cristina Duarte (Universidade de Franca)

Tendo por base os pressupostos teóricos da semiótica francesa, este trabalho analisa o conto *O arquivo*, de Victor Giudice. O texto narra o percurso do sujeito *joão* no papel temático de trabalhador que, após ser explorado durante toda a sua vida pela empresa na qual trabalhava e a isso se sujeitar com alegria, vivência, ao final da história, sua metamorfose em um arquivo de metal. O objetivo da análise é reconhecer as estratégias mobilizadas pelo enunciador, simulacro do produtor do texto, para alcançar a adesão do enunciatário-leitor, e o contrato fiduciário que entre eles se estabelece. Nesse sentido, um dos aspectos a serem observados é a construção da figuratividade, pois, como afirma Bertrand (2003, p. 405), as vias figurativas do sentido regem os “diferentes modos de participação e adesão na leitura”. Nesse sentido, o semioticista francês propõe o trabalho com quatro vias de adesão ao texto baseadas em posições distintas dos leitores perante as classes dos textos figurativos: o crer assumido, o crer recusado, o crer crítico e o crer em crise. Nossa análise baseia-se na hipótese de que o enunciatário-leitor adere ao texto por meio do crer crítico em que a racionalidade se processa por analogia. Nessa forma de adesão do leitor ao texto as associações de imagens e figuras não esgotam sua significação na simples figuração, mas engendram ideias.

renatalari@yahoo.com.br

As primeiras mulheres discursivizadas

Thami Amarilis Straiotto Moreira (USP)

Nos primeiros dias do descobrimento do Brasil foi escrita uma carta registrando as impressões iniciais do tripulante e escrivão a bordo de uma das naus portuguesas, Pero Vaz de Caminha. A carta de Caminha tornou-se o primeiro documento oficial do Brasil e marcou o início da literatura do país. Escrita em forma de diário, isto é, com o ritmo de escrita marcado pelos intervalos que correspondem aos dias e aos lugares pelos quais os navegantes passavam, a Carta do Descobrimento possui a descrição

de vários aspectos da Nova Terra recém-descoberta, que posteriormente se chamaria Brasil. Por isso, ao se discutir o imaginário brasileiro geralmente a *Carta do Descobrimento* é citada, uma vez que ela é a primeira interpretação oficial e escrita do Brasil e que alguns dos seus sentidos são resignificados e atualizados em discursos posteriores. A Carta de Caminha constitui o primeiro discurso fundador do Brasil e as primeiras impressões escritas que os portugueses formaram do nosso país. Além do mais, a Carta em questão deu início às notícias sobre estas novas terras brasileiras aos outros países europeus. Portanto, este trabalho ainda em andamento, mostra alguns dos resultados das primeiras investigações para a escrita de um trabalho maior. Com o objetivo de investigar se há na *Carta do Descobrimento* algum tipo de erotização nas descrições sobre as índias, analisamos de acordo com a semiótica francesa o nível mais concreto do texto, o discursivo, e as comparamos com as descrições feitas dos índios. Abordando principalmente o seu aspecto semântico podemos encontrar uma significação atualizada por meio da sequência de figuras (BERTRAND, 2003) que encobrem os temas presentes em um nível mais profundo e abstrato. E, assim, perceber quais são os efeitos de sentido promovidos pela narrativa confirmando se há ou não uma erotização feminina.

thamiamarilis@yahoo.com.br

Modos de referencialização da enunciação em contos de Nelson Rodrigues

Tarcisio Antonio Dias (USP)

Consideramos, aqui, estilo como recorrência de procedimentos em uma totalidade. Dessa forma, a um modo próprio de dizer da enunciação pressuposta aos contos de *A Vida Como Ela É...*, de Nelson Rodrigues, subjaz uma invariante discursiva. Na reiteração de um modo próprio de instalar as categorias enunciativas no discurso, bem como na reiteração da convergência temático-figurativa conto a conto, a enunciação deixa marcas no enunciado. Isso nos permite lançar mão da teoria semiótica de linha francesa, em especial do percurso gerativo do sentido, instrumental metodológico a partir do qual é possível recuperar mecanismos de construção do sentido, que dizem respeito, no caso, à construção de um estilo autoral – o modo Nelson Rodrigues de ser e de fazer sentido no mundo. Ao analisar os processos de actorialização, temporalização e espacialização, buscamos a constância de um Sujeito da Enunciação responsivo/responsável a/por um esquema de valorações éticas que, sustentado pela enunciação, remete a um lugar ocupado pelo sujeito-no-mundo. Para esta apresentação, portanto, centraremos-nos no nível discursivo, muito embora uma unidade estilística percorra, inclusive, estruturas semio-narrativas do percurso da significação. A descrição do estilo do autor referido irá permitir com que façamos o cotejo de contos com episódios de uma série televisiva, homônima, exibida pela Rede Globo em 1996. Assim, seremos capazes de responder, na continuidade dessa pesquisa, se o estilo rodrigueano, tal como verificado na obra literária, sobrevive ao impacto provocado pelo meio de comunicação de massa, ou se deturpa a ponto de se descaracterizar. Veremos como um estilo é captado em decorrência de um processo de adaptação que vai do verbal ao sincrético.

tarcisio.antonio.dias@usp.br

O Ateneu e a questão da poesia: uma leitura semiótica

Vinícius Santos de Souza (Unicamp)

Este trabalho busca investigar alguns procedimentos estilísticos do romance *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia, que aproximam a composição desta obra à lógica da composição poética, isto é, evidenciam o uso da linguagem da poesia dentro do livro do romancista carioca. Nesta perspectiva, merecem destaque, dentro da fortuna crítica de *O Ateneu*, os trabalhos de João Carlos Teixeira Gomes, em *Plurivalência estilística em O Ateneu*, e de Clélia Cândida Jubran, em *Recursos fonoestilísticos em O Ateneu de Raul Pompéia*, na medida em que enfatizam, em suas respectivas análises, os referidos procedimentos estilísticos do romance de Pompéia, indicando, de certa forma, a aproximação dessa obra à lógica da composição poética. Utilizamos, como base teórica do trabalho, os estudos de Décio Pignatari acerca da relação da literatura com a semiótica de Charles Sanders Peirce – presentes nos livros *Semiótica e literatura* e *O que é comunicação poética* –, com a finalidade de melhor compreender a essência da linguagem da poesia, para em seguida entender seu uso na linguagem da prosa de ficção, mais especificamente, de seu uso em *O Ateneu*. Sendo a semiótica a ciência geral de todas as linguagens, seu uso nos permite compreender a relação entre as mais diversas linguagens, assim como a relação estabelecida numa mesma linguagem entre seus vários signos constituintes. Neste sentido, utilizamos a semiótica conforme as necessidades da obra estudada, objetivando melhor compreender a relação estabelecida entre a prosa de ficção e a linguagem poética em *O Ateneu*.

vi.santossouza@hotmail.com